

# Subjetividade, socialidade e historicidade na arte do problema em Benveniste: prospecções de Gérard Dessons<sup>1</sup>

Carmem Luci da Costa Silva<sup>2</sup>

Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Porto Alegre, RS, Brasil

**Resumo:** O estudo aborda as relações entre as noções de *subjetividade*, *socialidade* e *historicidade* na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste, a partir da reflexão proposta por Gérard Dessons na obra *Émile Benveniste, l'invention du discours*, publicada em 2006. O trabalho procura responder à seguinte questão: *Como a leitura de Dessons (2006) das obras de Benveniste – Problemas de Linguística Geral I e Problemas Linguística Geral II – possibilita a formulação de prospecções teóricas?* A questão é respondida por meio da leitura da obra de Dessons (2006) a partir da proposição de dois eixos: *subjetividade-socialidade* e *subjetividade-historicidade*.

**Palavras-chave:** Émile Benveniste; Subjetividade; Socialidade; Historicidade.

**Title:** Subjectivity, sociality, and historicity in the art of the problem in Benveniste: prospectations by Gérard Dessons

**Abstract:** This study addresses the relations between the notions of subjectivity, sociality, and historicity in the Theory of Language developed by Émile Benveniste, based on the reflection proposed by Gérard Dessons in the book *Émile Benveniste, l'invention du discours*, published in 2006. The paper seeks to answer the following question: How does Dessons' (2006) interpretation of Benveniste's works – *Problems in General Linguistics I* and *Problems in General Linguistics II* - enable the development of theoretical prospectations? The question is answered by reading Dessons' work in view of the proposition of two axes: *subjectivity-sociality* and *subjectivity-historicity*.

**Keywords:** Émile Benveniste; Subjectivity; Sociality; Historicity.

## Palavras iniciais

Este texto tem origem no trabalho apresentado no *III Colóquio Leituras de Émile Benveniste*, realizado na Universidade Federal de Pelotas em outubro de 2019. A reflexão

<sup>1</sup> Gérard Dessons é professor de língua e literatura francesa na Universidade de Paris 8, onde trabalha com a poética da arte, a teoria da linguagem e a teoria da arte. É membro do grupo "Poética e Política da Arte", com obras ligadas à pintura de Rembrandt e à análise do poema.

<sup>2</sup> Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) na mesma Universidade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6036-5285>. E-mail: [clcostasilva@hotmail.com](mailto:clcostasilva@hotmail.com) ou [carmem.luci@ufrgs.br](mailto:carmem.luci@ufrgs.br).

apresentada aqui se vincula ao terceiro tópico relacionado à obra benvenistiana e passível de abordagem no referido Colóquio: *Interpretações da Teoria da Linguagem de Benveniste que possibilitam a formulação de prospecção teórica*. Inserido nesse escopo temático, este texto explora o modo como se enlaçam as noções de *subjetividade, socialidade e historicidade* na Teoria da Linguagem de Émile Benveniste, a partir do estudo produzido por Gérard Dessons na obra *Émile Benveniste, l'invention du discours*, publicação de 2006. Assim, a pergunta a ser respondida no presente artigo é a seguinte: *Como a leitura de Dessons (2006) das obras de Benveniste – Problemas de Linguística Geral I e Problemas Linguística Geral II – possibilita a formulação de prospecções teóricas?*

Em 2007, ainda sem a leitura de Dessons (2006), usei, em minha pesquisa de doutorado, orientada pelo professor e colega Valdir do Nascimento Flores, conceber que a instauração da criança em sua língua materna está ligada à sua história de enunciações. Para explicar essa instauração, com base em minhas leituras de Benveniste, principalmente centrada nos capítulos iniciais das obras *Problemas de Linguística Geral I* (doravante, *PLG I*) e *Problemas de Linguística Geral II* (doravante, *PLG II*), bem como inspirada em Flores (1999) e Dufour (2000), integrei a cultura – um *ELE* grande – em um dispositivo enunciativo que a maioria dos benvenistianos daquele momento restringiam a um *eu-tu-ele-aqui-agora*, com a desconsideração de elementos sociais e culturais tão presentes na Teoria da Linguagem de Benveniste. Nesse sentido, derivo da reflexão apresentada por Benveniste um sujeito constituído *na e pela* linguagem, porque está imerso em sua língua-discurso, com os valores da cultura de uma sociedade impregnados nessa língua-discurso. O encontro com a obra de Dessons (2006) fortaleceu minhas posições, conduziu-me a revisitar Benveniste e a associar meus interesses de pesquisa – *aquisição e ensino-aprendizagem de língua materna* – à ideia da reinvenção constante da língua como relacionada à presença inventiva do humano na linguagem.

Ainda que hoje eu problematize o lugar ou a formalização desse *ELE* (cultura) no dispositivo (*eu-tu/ele*)-*ELE*, por mim proposto em 2007, essa pequena retomada mostra um ponto de vista de leitura da obra de Benveniste que aponta para uma abertura no sentido de conceber sua obra como uma Teoria da Linguagem e não somente como uma teoria enunciativa. Essa reflexão sobre a teorização benvenistiana, na atualidade, é respaldada por Flores (2013):

O que chamo de "teoria da linguagem de Benveniste" inclui os trabalhos presentes nos Problemas de linguística geral e todos os demais trabalhos produzidos por ele, incluindo-se aí os ligados à linguística comparativa, às reflexões sobre literatura, cultura etc. A teoria da enunciação é uma parte dessa reflexão, talvez uma parte de grande importância, mas não a única. (FLORES, 2013, p. 190, aspas do autor).

Considero que a obra de Dessons (2006) é prospectiva porque prevê, na reflexão de Benveniste, uma Antropologia da Linguagem, questão que, a partir dele, passa a ser

problematizada em pesquisas brasileiras<sup>3</sup>. De meu ponto de vista, Dessons é daqueles estudiosos que surpreende e convida, de fato, a uma releitura da obra de Benveniste por instigar a ler não somente o que o linguista escreveu, mas, principalmente, como ele escreveu. Com efeito, Dessons (2006) conduz a se observar o modo como, por meio de uma escrita singular, Benveniste teorizou sobre linguagem, língua e discurso. A leitura, também singular, realizada por Dessons parte do Prefácio do *PLG I*, quando Benveniste pontua o seguinte: "Nos primeiros capítulos, esboçamos um panorama das recentes pesquisas sobre a teoria da linguagem e das perspectivas que elas abrem" (BENVENISTE, 1995, Prefácio, s./p.). Benveniste traça o panorama das pesquisas sobre a Teoria da Linguagem para apontar as perspectivas que elas abrem, e é na perspectiva de abertura da Teoria da Linguagem de sua época que percebo Benveniste inserir suas investigações, concebidas por Dessons como uma Antropologia da Linguagem.<sup>4</sup>

A partir dessas palavras iniciais, convido os leitores a seguirem comigo a tríade *subjetividade, socialidade e historicidade* na obra de Dessons (2006) em seu diálogo com as obras *PLG I* e *PLG II*, de Émile Benveniste. Começo chamando a atenção para as palavras do linguista no prefácio da obra *PLG I*, quando justifica por que denomina seus estudos de problemas:

Os estudos reunidos nesta obra foram escolhidos entre muitos outros, mais técnicos, que o autor publicou nestes últimos anos. Se os apresentamos sob a denominação de problemas isso se deve ao fato de trazerem em conjunto, e cada um em particular, uma contribuição ao grande problema da linguagem que se formula nos principais temas tratados: encaram-se as relações entre o biológico e o cultural, entre a subjetividade e a socialidade, entre o signo e o objeto, entre o símbolo e o pensamento, e também os problemas de análise intralinguística. (BENVENISTE, 1995, Prefácio, s./p.).

Podemos observar que Benveniste trata das relações entre o biológico e o cultural, entre a subjetividade e a socialidade, entre o signo e o objeto, entre o símbolo e o pensamento não como mundos opostos, mas em relação. E é nessa relação entre mundos, aparentemente opostos para quem lê capítulos isolados ou trechos da obra do linguista, que Dessons (2006) prevê uma Antropologia da Linguagem. De fato, na obra de Benveniste, há relações de interdependência entre mundos em que o discurso figura como a grande invenção por mediar tais mundos.

Para Dessons (2006), os problemas de linguagem tratados por Benveniste constituem-se a partir de uma *arte de pensar*. Nesse caso, defende que, em Benveniste, "[...] a arte de pensar é desde o início a arte do problema. [...] O problema é um modo de pensar" (DESSONS,

---

<sup>3</sup> Conforme Flores (2013), há, na obra de Benveniste, inúmeras possibilidades de "presenças" do *homem na língua*. Por isso, esse estudioso da obra de Benveniste argumenta: "cabe afirmar que a presença do homem na língua é uma função essencial desse homem, do homem que fala, o que a torna objeto de uma antropologia: uma antropologia da linguagem que implica uma antropologia da enunciação." (FLORES, 2013, p. 190).

<sup>4</sup> No Prefácio, Benveniste parece referir-se à Teoria da Linguagem como as pesquisas relacionadas à Linguística Geral. No entanto, vale ressaltar seu apontamento: "esboçamos um panorama das recentes pesquisas sobre a teoria da linguagem e das perspectivas que elas abrem". (BENVENISTE, 1995, Prefácio, s. p.).

2006, p. 10-11, tradução minha, grifo do autor)<sup>5</sup>. O pensamento de Benveniste, assim, identifica-se com a sua escrita, conforme enuncia Dessons, poeticamente: "Benveniste escreve, e ele escreve simplesmente" (DESSONS, 2006, p. 12, tradução minha)<sup>6</sup>. Como estudioso da literatura, Dessons vê, no estilo de Benveniste, um estatuto raro para um linguista: o de artista.

Portanto, seguindo as trilhas de Dessons (2006) em seu diálogo com Benveniste, divido a reflexão apresentada neste texto em dois eixos: *subjetividade-socialidade* e *subjetividade-historicidade*, com a concepção de que os pares de cada eixo estão em relação, seguindo o que postula Benveniste no prefácio do *PLG I*.

### O eixo subjetividade-socialidade

*A sociedade não é possível a não ser pela língua; e  
pela língua, também o indivíduo.*  
(BENVENISTE, 1995, p. 27)

*A consciência de si mesmo só é possível se experimentada  
por contraste.*  
(BENVENISTE, 1995, p. 286)

Durante muito tempo, Benveniste foi lido como o linguista do "eu", como se a expressão "eu é quem diz eu" tivesse mais força teórica do que as inúmeras reflexões do linguista. É claro que a forma de pessoa subjetiva *eu* remete ao produtor do discurso e explicita a passagem de locutor a sujeito. São os pronomes a via de acesso também para o linguista tematizar a enunciação como trânsito para o discurso, visto estarem na língua com um espaço vazio a ser preenchido de referência em remissão às pessoas constituídas na instância de discurso. Isso não implica, de um lado, que discursos sem marca da pessoa subjetiva "eu" não apresentem a passagem de locutor a sujeito, nem, de outro lado, que o sujeito, como efeito do ato enunciativo de um locutor, não se constitua em relação a outro(s) ou à sociedade. Por isso, neste item, destaco justamente a relação entre a subjetividade e a socialidade, e não a oposição entre tais noções.

Dessons (2006) foi um dos leitores de Benveniste que prospectou a dialética singular que engloba indivíduo e sociedade e os define em relação mútua (BENVENISTE, 1995)<sup>7</sup>. Com efeito, para Benveniste, o fundamento da subjetividade está nessa relação mútua entre "eu" e "outro" e "indivíduo" e "sociedade". Esse *eu* que diz *eu* ou que simplesmente insere um discurso no mundo torna-se um sujeito de linguagem, e a linguagem, como sabemos, é habitada por outros. Portanto, é nessa relação constitutiva com outros que cada um, ao

---

<sup>5</sup> "Chez Benveniste, l'art de penser, c'est d'abord l'art du problème. [...]. Le *problème* est un mode de penser" (DESSONS, 2006, p. 10-11, grifo do autor).

<sup>6</sup> "Benveniste écrit, et il écrit simplement" (DESSONS, 2006, p. 12).

<sup>7</sup> É importante pontuar que, já em Saussure, essa dialética comparece: "A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro." (SAUSSURE, 2000, p. 16).

converter a língua em discurso, pode fundamentar-se como sujeito.

Dessons (2006) parte do texto "Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística" para pontuar a relação entre a linguagem e a sociedade em Benveniste, como acompanhamos na seguinte passagem do *PLG I*: "Estabelecendo o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade" (BENVENISTE, 1995, p. 31). Dessons concebe, em sua leitura de Benveniste, que "A linguagem não é então um produto *a posteriori* do estado da sociedade, mas seu princípio mesmo"<sup>8</sup> (DESSONS, 2006, p. 49, tradução minha, grifo do autor). Ao retomar a comparação do mundo das abelhas com o mundo humano realizada por Benveniste, Dessons (2006) destaca que, no primeiro mundo, temos a relação linguagem-código, enquanto, no segundo, temos a relação linguagem-língua, que "põe e supõe o outro", pois se trata, no caso do mundo humano, de criar discurso a partir de outro discurso, questão ausente no mundo das abelhas, que agem a partir de códigos fixos<sup>9</sup>. Essa comparação serve para Benveniste pensar o simbolismo próprio da linguagem humana e a própria sociedade como condição desse simbolismo. Nesse texto, o linguista acentua que é dentro *da* e *pela* língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente e reforça essa relação com o argumento de que "A partir da função linguística, em virtude da polaridade *eu:tu*, indivíduo e sociedade não são mais termos contraditórios, mas termos complementares" (BENVENISTE, 1995, p. 27, grifo do autor).

Vemos, assim, Dessons (2006) seguir as pistas da relação entre a linguagem e a sociedade em Benveniste para a delimitação do humano. Por isso, o autor percebe que, para Benveniste, a especificidade da linguagem humana está atrelada à relação íntima entre a língua e a sociedade, que são sempre organizações particulares dadas ao indivíduo. Nossa instauração como sujeitos *na* e *pela* linguagem passa pela relação com outros, necessariamente. Nessa linha, Dessons (2006) retorna ao texto "Estrutura da língua e estrutura da sociedade" para retomar a formulação de Benveniste, presente em "Vista dos olhos sobre o desenvolvimento da linguística", de que "Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra" (BENVENISTE, 1995, p. 31). Para o estudioso, essa formulação implica a característica específica da linguagem humana, transversal à reflexão benvenistiana acerca da língua, a qual inclui a dimensão enunciativa. Há, pois, para Dessons, ligada à natureza da linguagem, uma condição social específica do humano: "Ela é inseparável do *devir* do indivíduo e da coletividade"<sup>10</sup> (DESSONS, 2006, p. 50, tradução minha, grifo do autor).

---

<sup>8</sup> "Le langage n'est donc pas un produit *a posteriori* de l'état de société, mais son principe même".

<sup>9</sup> Para Benveniste, entre a função sensorio-motora e a representativa (simbólica), há um limiar que somente a humanidade transpôs. No código das abelhas, por exemplo, há uma relação direta entre o sinal e o que sinalizam. A linguagem humana, diferentemente, "evoca" sentidos não previsíveis. Na comunicação entre abelhas, há, conforme o linguista, correspondência "convencional" entre o comportamento e o dado que traduz. A comunicação das abelhas contém três informações invariáveis: a existência de uma fonte de alimentos, a sua distância e a sua direção. Não há, entre as abelhas, o diálogo entre mensagens, mas a relação entre mensagem e ação motora. Por isso, a comunicação das abelhas é distinta da linguagem humana pela fixidez de conteúdo, pela invariabilidade das mensagens, por fazer referência a uma única situação e pela natureza indecomponível das mensagens.

<sup>10</sup> "Elle rend indissociables le devenir de l'individu et celui de la collectivité".

Como enfatiza Dessons, a relação língua-sociedade, um dos grandes problemas presentes na obra de Benveniste, não é considerada uma relação de 'espelhamento', mas uma relação sincrônica e semiológica: a relação entre o interpretante e o interpretado. Essa relação é desdobrada nas seguintes formulações benvenistianas: "a língua como interpretante da sociedade" e "a língua contém a sociedade" (BENVENISTE, 1989, p. 97). Logo, a sociedade significa *na* e *pela* língua. Contrário à ideia de língua como apenas mais um dos fenômenos sociais, Dessons (2006) corrobora a tese benvenistiana de que "A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade. Poder-se-á dizer, nesse caso, que é a língua que contém a sociedade" (BENVENISTE, 1989, p. 97). Nessa linha, o leitor Dessons defende que, em Benveniste, a relação língua-sociedade é uma relação de significação e que as análises realizadas pelo linguista em *Vocabulário das instituições indo-europeias*, por exemplo, mostram a coerência de um pensamento que não dissocia a linguagem e a sociedade.

Dessa forma, Dessons (2006) concebe que o texto "Estrutura da língua e estrutura da sociedade" apresenta estreita ligação entre o sujeito e a língua. De fato, também concebo que, nesse texto, se, de um lado, Benveniste postula o funcionamento intersubjetivo e referencial do discurso (*eu-tu/ele*), concretizado nas relações entre as pessoas (*eu-tu*) e a não pessoa (*ele*) como possibilidade de cada um falar do mundo a outro(s), de outro lado, o linguista pontua que a inclusão do falante no discurso também situa a pessoa na sociedade, por meio de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação, como podemos acompanhar na seguinte passagem:

A primeira, a oposição "eu-tu", é uma estrutura de alocação pessoal, que é exclusivamente inter-humana. [...]

A segunda oposição, a do "eu-tu/ele", opondo pessoa e não-pessoa, efetua a operação de referência e fundamenta a possibilidade de discurso. Temos aí o fundamento relacional sobre o qual repousa o duplo sistema relacional da língua.

Aqui aparece uma nova configuração da língua que se acrescenta às outras duas que eu sumariamente analisei: é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação. (BENVENISTE, 1989, p. 101, aspas do autor).

Nesse caso, (inter)subjetividade e socialidade estão inteiramente em relação, uma relação constituída nas "práticas humanas" de emprego da língua, lugar onde o humano pode ser a cada momento descoberto, na dupla natureza (imaneente ao indivíduo e transcendente à sociedade) que a linguagem funda e instaura nele.

É na relação homem-sociedade com a sua cultura<sup>11</sup>, relação mediada pela linguagem, que Dessons (2006) encontra as condições para uma Antropologia da Linguagem em Benveniste, reflexão que impulsionou muitos estudos posteriores à publicação de sua obra. Nessa perspectiva antropológica, a cultura, conforme Benveniste, releva de um sistema de

---

<sup>11</sup> Conforme Benveniste (1989) defende em "Estrutura da língua e da sociedade", a sociedade e a cultura inerente à sociedade são dependentes da língua, porque aquelas são interpretadas por esta.

valores impressos na língua, língua esta inseparável do humano, indivíduo de uma sociedade que se torna sujeito ao atualizar essa língua em discurso na enunciação. Fundamenta-se, dessa maneira, a relação entre a subjetividade e a socialidade, relação em constante modificação, porque, a cada novo discurso, há instanciação de um novo sujeito na linguagem, o que remete à questão da historicidade, a ser tratada na sequência deste texto.

### **O eixo *subjetividade-historicidade***

*Não é a história que dá vida à linguagem.  
É a linguagem que, por sua necessidade,  
sua permanência, constitui a história.*  
(BENVENISTE, 1989, p. 32)

Neste eixo sobre subjetividade e historicidade, pretendo destacar os elementos que, para Dessons (2006), fazem da perspectiva benvenistiana uma Antropologia Histórica da Linguagem. É desde esse olhar que o leitor da obra de Benveniste faz sua leitura e nos leva a uma releitura do linguista, colocando a enunciação como centro de diferentes problemáticas: a da subjetividade, a da temporalidade etc. No decorrer de minha leitura, percebo Dessons (2006), em cada problemática, deslindar o desenvolvimento de teorias em Benveniste: há uma teoria dos pronomes, há uma teoria da temporalidade. Todas essas "microteorias" estão vinculadas a uma teoria maior: uma teoria da linguagem constituída a partir da invenção do discurso, invenção condicionada à enunciação. De fato, a invenção do discurso coloca, no centro da problemática maior de Benveniste, a relação constitutiva e indissociável entre homem e linguagem. É a partir dos termos linguagem-homem-discurso que Dessons (2006) retoma problemas centrais das Ciências Humanas – a história, a referência e o sujeito –, para reatualizar o pensamento de Benveniste, em que o sujeito é bastante confundido ora com o "ser" da filosofia idealista, ora com "ego" de uma psicologia da consciência, ora com o sujeito falante com intenções da fenomenologia.

Em uma leitura centrada no detalhe da escrita benvenistiana, Dessons (2006) encontra a importância teórica de usos preposicionais como *na* e *pela* língua e *na* e *pela* linguagem, bem como do prefixo *re*. É a arte do pensar em Benveniste aliada à arte do problema, fato que entrelaça o pensar com o escrever. Com as marcas *na* e *pela* – presente em passagens como "é, dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente" (BENVENISTE, 1995, p. 27), "É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito" (BENVENISTE, 1995, p. 286) e "um sistema não linguístico não pode existir senão pela e na semiologia da língua" (BENVENISTE, 1974, p. 61) –, Benveniste apresenta o aspecto constitutivo da linguagem/língua em relação ao humano e o aspecto mediador da linguagem/língua-discurso na relação entre humanos e na relação humano-mundo. Assim, a dupla *na* e *pela*, segundo Dessons (2006), não é apenas uma figura de estilo em Benveniste, mas uma figura de pensamento.

O prefixo *re*, manifesto em passagens como "a linguagem reproduz a realidade"

(BENVENISTE, 1989, p. 26), realça a ideia de recriação de realidades via acontecimento de discurso, visto não se tratar do fato de o discurso "espelhar" uma realidade objetiva, mas de o discurso propiciar o renascimento de um acontecimento via linguagem, meio para se estabelecer a comunicação intersubjetiva. Dessa maneira, em termos como *re-produz*<sup>12</sup>, *recria*, *renasce*, *representa*" etc., Dessons (2006) realça esse prefixo como tendo a propriedade de reunir os termos *subjetividade* e *historicidade*.

Com efeito, nessas formas *na*, *pela* e *re*, lidas e relidas na obra de Benveniste, Dessons (2006) encontra um fio teórico que o conduz justamente a enlaçar subjetividade e historicidade e a desmontar as leituras psicologizantes do "ego" e filosóficas do "ser", para argumentar que o sujeito em Benveniste é da ordem da linguagem e que as línguas, constitutivamente, têm um lugar para cada um fazer referência a si mesmo a cada inserção do discurso no mundo. Nesse caso, as noções de *subjetividade* e *historicidade* ligam-se, na reflexão de Dessons (2006), às de *personalidade* e *temporalidade*, noções constituídas a partir do ponto de vista de uma Antropologia da Linguagem. Isso porque "a inclusão do falante em seu discurso" (BENVENISTE, 1989, p. 101), a cada enunciação, também insere, a cada vez, a pessoa na sociedade. Portanto, segundo Dessons (2006), a visão de que o sujeito não preexiste à enunciação do seu discurso é um dos principais fundamentos da teorização benvenistiana.

Nesse caso, a enunciação não é produto da história<sup>13</sup>: ela é, ao contrário, o que funda a historicidade, fazendo com que cada locutor se individualize na instância, sempre nova, de seu discurso. Tal argumentação de Dessons (2006) pode ser também atestada quando Benveniste argumenta que "não é a história que dá vida à linguagem, mas sobretudo o inverso. É a linguagem que, por sua necessidade, sua permanência, constitui a história" (BENVENISTE, 1989, p. 32). Para Dessons (2006), na Antropologia de Linguagem de Benveniste, o locutor se individualiza como pessoa do discurso e, por meio desse discurso, ele, antropologicamente, também se situa como pessoa na sociedade. Em sua leitura atenta, o autor chama a atenção para a passagem do texto "Da subjetividade na linguagem" na qual Benveniste apresenta uma concepção de pessoa que se desloca do campo da linguística: "A instalação da subjetividade cria, na linguagem e, acreditamos, igualmente fora da linguagem, a categoria de pessoa" (BENVENISTE, 1995, p. 290). Benveniste, como destaca Dessons (2006), não desenvolve essa proposição.

Ao seguir as pistas de Benveniste, Dessons (2006) defende que esse "fora" da linguagem ora pode estar ligado à pessoa na sociedade – o incluir-se no discurso e o se situar na sociedade – e ora ao aspecto psíquico da pessoa, questão recolocada por Benveniste no texto "Observações da linguagem na descoberta freudiana", em que o método analítico

---

<sup>12</sup> Na tradução brasileira, o termo está grafado como "reproduz", mas vale salientar que, no original francês, o prefixo *re-* comparece separado por hífen, fato que demonstra a importância teórica do prefixo como indicador de uma nova produção da realidade via linguagem, e não uma repetição espelhada da realidade na linguagem.

<sup>13</sup> Convém destacar que, conforme Benveniste (1989) argumenta no texto "Estruturalismo e linguística", os valores da cultura de uma sociedade estão impregnados na língua. Assim, ao se enunciar, o locutor carrega esses valores para o seu discurso. Quando se aponta que a enunciação não é produto da história, mas funda a historicidade, conforme reflexão de Dessons (2006), pontua-se a ideia de Benveniste de que cada um torna-se sujeito ao se enunciar e, com isso, marca-se na história, uma história inscrita *de* e *na* linguagem.

consiste justamente em atos de reconstituir uma biografia verbalizada e assumida por aquele que a reconta. Com efeito, seguindo Dessons (2006) e observando as pistas benvenistianas, atestamos que o linguista termina o texto fazendo referência à pessoa, mas a uma pessoa que parece se situar além da ideia de formas pronominais *eu-tu*, embora considere que estas sejam referências necessárias ao discurso: "Na verdade, aquilo a que chamamos de inconsciente é responsável pela maneira como o indivíduo constrói a sua pessoa, afirma, recalca ou ignora isto motivando aquilo" (BENVENISTE, 1995, p. 94). E é nesse texto que Benveniste parece enlaçar a subjetividade e a historicidade, como vemos nesta bela passagem:

Ao longo das análises freudianas, percebe-se que o sujeito se serve da palavra e do discurso para "representar-se" a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o "outro" a comprovar. O seu discurso é apelo e recurso, solicitação veemente ao outro, através do discurso, onde se coloca desesperadamente, recurso com frequência mentiroso ao outro para individualizar-se aos próprios olhos. Pela simples alocação, aquele que fala de si mesmo instala o outro nele e dessa forma se capta a si mesmo, se confronta, se instaura tal como aspira a ser, e finalmente se historiza nessa história incompleta ou falsificada. (BENVENISTE, 1995, p. 84, aspas do autor).

A leitura desse texto benvenistiano permite a Dessons (2006) argumentar que o processo clínico de análise está inevitavelmente ligado ao exercício dialógico da linguagem (necessário na transferência). Isso conduz o autor a reafirmar a ideia de que o sujeito, como indivíduo ético ou político, não preexiste à enunciação de seu discurso.

Novamente, na discussão a respeito da temporalidade, Dessons (2006) realça a distinção entre o tempo na linguagem e o tempo fora da linguagem. Para o autor, Benveniste constrói uma teoria geral da temporalidade fora do dualismo tradicional entre o tempo objetivo e o tempo subjetivo, produzindo "uma teoria original do tempo linguístico"<sup>14</sup> (DESSONS, 2006, p. 115, tradução minha). Dessons (2006) argumenta que, na visão do linguista, a relação do humano com o tempo, como suas relações com o mundo e com os outros indivíduos, é uma relação de mediação pela linguagem.

Em suma, a língua, manifestação da linguagem, não é um aparelho para registros, mas um sistema estruturante, informante e significante do mundo, e o tempo linguístico aparece igualmente irreduzível aos tempos crônico e psíquico. O tempo linguístico, como tempo ligado ao acontecimento único de cada discurso, releva da passagem de falantes ao estatuto de sujeitos, inscrevendo-os na história, uma história que passa a existir por meio dessa mesma instanciação. Por isso, Dessons (2006) sublinha que a propriedade original está na constituição da historicidade em uma concepção de tempo oposta ao historicismo do tempo crônico, concepção corrente e "sucessivista" de história, visto que a categoria mesma do tempo está implicada na instanciação de todo sujeito em seu discurso e, nesse sentido, o "presente" é a própria origem do tempo. Conforme defende Benveniste em "O aparelho formal da

---

<sup>14</sup> "une théorie du temps linguistics originale."

enunciação", o homem vive o seu presente na linguagem pela inserção do discurso no mundo, presente que funciona como fator de intersubjetividade e como ligado à lógica de cada discurso. Por conseguinte, os tempos deixam de ser vistos em seus paradigmas morfológicos para serem estudados desde a perspectiva da língua-discurso. Para Dessons (2006), a presença, na obra de Benveniste, de termos como *instituição*, *instituir*, *instaurar*, *instante*, *instância*, relacionam-se a um presente na linguagem como fundamento da historicidade e da subjetividade.

Podemos perceber que, para Dessons (2006), a subjetividade, vinculada ao que nomeia como *processo de subjetivação*, é transversal à teorização de Benveniste. No entanto, Dessons (2006) chama a atenção para o fato de que é necessário ter cuidado com o uso da expressão "sujeito da enunciação", por nunca ter sido utilizada por Benveniste. Por isso, argumenta que a expressão precisa ser concebida como uma abertura promovida pelo trabalho teórico do linguista, e não como algo fechado como se fosse definição de dicionário. Nesse caso, conforme Dessons (2006), a expressão está relacionada a um efeito de leitura da obra de Benveniste, constituindo-se como uma noção crítica, que possibilita reações porque participa dos jogos ideológicos implicados nas Ciências Humanas. Assim, o sujeito efeito de uma enunciação designa o sujeito que se constitui *na e pela* enunciação de seu discurso. Esse discurso contém a história e funda a historicidade do sujeito em um novo *aqui-agora*. Na historicidade da linguagem, a repetição não se produz de modo idêntico, e, nesse caso, o sujeito jamais é o mesmo a cada enunciação, ainda que a língua seja a mesma e a forma "eu" seja uma repetição. Isso envolve o princípio da reinvenção, pois o prefixo *re-* em Benveniste, na leitura de Dessons (2006), implica os aspectos de iteração (*de novo* – a repetição) e de invenção (*o novo* – a novidade). Desse modo, de acordo com Dessons (2006), o prefixo *re-* funciona, na escrita benvenistiana, como um marcador de historicidade.

Nesse sentido, Dessons (2006) redescobre, via marcas específicas do modo de dizer de Benveniste, concebidas antes como ligadas ao seu estilo de escrita (usos de preposições *na e pela* e do prefixo *re-*), noções teóricas que fundamentam o pensamento do linguista em sua formulação transversal do "homem na linguagem/língua" e na ideia de reinvenção do discurso, lugar de fundação da historicidade do sujeito na linguagem. É por aí que Dessons (2006) preconiza uma Antropologia da Linguagem em Benveniste, sustentada em problemas ligados às categorias pronominais e temporais, categorias que permitem pensar as relações indivíduo-sociedade e indivíduo-psiquismo, relações pensadas por Dessons (2006) como possibilidade de se conceber, na obra de Benveniste, a pessoa na língua e para além da língua.

### Palavras finais

Finalizo este texto com um agradecimento a Gérard Dessons, leitor de Benveniste, pois, ao reinventar um novo discurso sobre a obra do linguista, possibilitou o desacomodar de leituras já estabelecidas. Essa desacomodação permitiu o avançar teórico de nossas pesquisas benvenistianas em enunciação e para além da enunciação. Portanto, Dessons realizou um

movimento prospectivo para as reflexões a partir da obra benvenistiana. A arte de pensar de Dessons (2006) envolveu a arte de prospectar novas leituras de Benveniste, arte que funcionou como um convite a novas enunciações teóricas sobre o mestre.

A pergunta que procurei responder no texto é a seguinte: *Como a leitura de Dessons (2006) das obras de Benveniste – Problemas de Linguística Geral I e Problemas Linguística Geral II – possibilita a formulação de prospecções teóricas?* A questão foi respondida por meio da leitura da obra de Dessons (2006) a partir da proposição de dois eixos: *subjetividade-socialidade* e *subjetividade-historicidade*. Em cada um dos eixos, procurei realçar que Dessons (2006), ao explorar o que Benveniste diz com o seu modo de dizer, vislumbra novas possibilidades de pesquisa da obra do linguista. No primeiro eixo, mostrei que Dessons (2006) prospecta, via leitura da obra de Benveniste, a dialética singular que engloba, em uma relação mútua, o *eu* e o *outro* e o *indivíduo* e a *sociedade* para argumentar que, em tais relações mútuas, está o fundamento da subjetividade e a condição humana de seres constituídos *na* e *pela* linguagem. No segundo eixo, apontei que Dessons (2006), ao explorar o modo de dizer de Benveniste – usos do prefixo *re-* e de termos como *instituição*, *instituir*, *instaurar*, *instante* –, verifica que, na escrita de Benveniste, tais usos relacionam sujeito e tempo no discurso e, a partir dessa relação, prospecta a ideia de a temporalidade da linguagem constituir-se como o fundamento da historicidade e da subjetividade de cada locutor em suas enunciações.

Dessons (2006) traz formulações prospectivas sobre o linguista e fundamenta leituras já consolidadas sobre sua obra ao ler também a enunciação de Benveniste, não apenas seu enunciado. Dito de outro modo: Dessons (2006) verifica o fato de Benveniste ter se enunciado de determinada maneira e não somente os ditos do linguista (termos e noções). É o fato de Benveniste ter dito de tal modo que revela o homem-linguista-Benveniste *na* e *pela* linguagem. Talvez aqui esteja a grande prospecção que concluo neste estudo: como lemos os linguistas e os pensadores em geral? Em suas enunciações ou em seus enunciados? Talvez se olharmos mais para os modos de dizer dos/das linguistas vamos revelar mais sobre suas teorias e, principalmente, sobre como, por meio de suas escritas, há um processo de subjetivação (individuação) e hominização, no sentido histórico-antropológico, implicados no modo como usam a língua, ou seja, no modo como criam discursos, para teorizarem sobre a linguagem. O termo *hominização*, aqui, está sendo usado conforme acepção de Dessons (2020) em entrevista inédita com o autor, realizada por Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira.

Olhar para a "arte de pensar" como aliada à "arte de escrever", ou seja, olhar para a *manière* de cada linguista, termo de Dessons (2006) relacionado ao fato de que o *pensar sobre* não está dissociado do modo de *escrever sobre* – em que o conteúdo dito é inseparável da maneira como é dito –, pode ser um desafio para novas leituras de linguistas. Fica o convite a essas formulações prospectivas!

A renovação de nossas investigações sobre a linguagem, a partir de Benveniste, mostra que o fazer de linguista apresenta repetibilidade e invenção, porque ligado à historicidade da constituição de cada um de nós como sujeitos em nossos discursos. Em 2007, usei a expressão

*história de enunciações* (também prospectivamente), expressão que continuo a usar porque se liga ao inventar constante de língua a cada enunciação. À época também usei o termo *cultura*, porém como uma exterioridade no dispositivo enunciativo; hoje, já percebo a cultura de uma sociedade impregnada na língua-discurso e impregnada na história de enunciações de cada locutor. Desse modo, repetimos sim, mas também produzimos o novo. Essa é a condição de historicidade a que estamos submetidos a cada invenção de discurso.

Este texto, se considerado como discurso em seu conteúdo apenas, talvez tenha muita repetição; porém, se considerado como processo enunciativo, ele remete a esse nosso processo de troca, como uma experiência humana única inscrita no *aqui-agora* da escrita e da leitura, e, nessa acepção, é irrepetível.

## Referências

- BENVENISTE, Émile. 1966. *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri; revisão técnica do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, Émile. 1974. *Problemas de linguística geral II*. Tradução e revisão técnica Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.
- DESSONS, Gérard; NEUMANN, Daiane; OLIVEIRA, Giovane F. Émile Benveniste e a arte do pensar: uma entrevista com Gérard Dessons. Tradução de Daiane Neumann e Giovane Fernandes Oliveira. *ReVEL*, v. 18, n. 34, p. 374-380, 2020.
- DUFOUR, Dany-Robert. *Mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Linguística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
- SAUSSURE, Ferdinand de. 1916. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. 2007. 293f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2007.

Recebido em: 20/12/2019.

Aceito em: 09/03/2020.